

Entrevista com o Padre Ilário Augusto Mazzarolo

Realizada pelo Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento para a *Revista Cadernos de Sion*.

Nessa entrevista, **Pe. Ilário Augusto Mazzarollo**, nos conta alguns fatos de uma vida pessoal e religiosa na Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion.

Entrevistador: O senhor poderia contar um pouco sobre sua trajetória de vida religiosa, desde sua entrada na Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, e as contribuições que ofereceu como Superior Geral e membro da família de Sion?

Pe. Ilário: Entrei no seminário, criança ainda; escolha sobre ser Sion se deu durante o curso de Teologia. Fiz estudos normais e, desde a minha ordenação sacerdotal, assumi diversas funções na Congregação, sempre na formação, mas ao mesmo tempo com trabalho pastoral, comunidades ou paróquias, mais sempre ajudando. Como Superior geral, continuei insistindo na formação, enviando todos os jovens religiosos para estada de estudos no exterior, precisamente França e Israel.

Entrevistador: Gostaria que o senhor comentasse sobre a força do carisma de sua Congregação para a educação e para os católicos brasileiros.

Pe. Ilário: O carisma é bem particular: leitura da escritura na tradição do judaísmo e da igreja. O encontro destas duas tradições, para a formação doutrinal, pastoral e teológica para os crentes de qualquer época, para os jovens também, dá uma experiência religiosa mais ampla, e mais exigente no apreciar os valores e posições de outros, num diálogo inter-religioso: supera pré-conceitos e leva a uma aspiração de paz universal. Para os católicos brasileiros: pela cultura o brasileiro não é exigente no conhecimento da cultura do outro, e esta experiência o desafia a aprofundar a sua, sem fanatismos.

Entrevistador: Por que a escolha da Congregação de Sion para o seu ministério sacerdotal? Que aspectos da vida de Theodoro e Afonso Ratisbonne impulsionaram sua opção pela Congregação?

Pe. Ilário: A experiência de Afonso me fascinou, desde quando era criança. Admirei toda a vida, sua persistência e personalidade. Admirei e admiro a profundidade e o

empenho de Teodoro na procura de seu povo, o judeu. Entre tantos ministérios possíveis, gostei e senti-me identificado com suas experiências, mas, certamente, o ambiente de formação me ajudou a perseverar nessa congregação.

Entrevistador: O senhor assumiu vários cargos na Congregação de Nossa Senhora de Sion, em meio às dificuldades do mundo em diferentes épocas, especificamente, sobre o diálogo judeu-cristão na educação e na vida pastoral. O Documento *Nostra Aetate* renova o carisma da Congregação e a perspectiva da Igreja Católica sobre a religião judaica?

Pe. Ilário: Antes do documento *Nostra Aetate*, o horror do holocausto, que frequentei por muitas leituras. A tentativa de diálogo com os dez pontos de Seelisberg...; o documento *Nostra Aetate*, para mim na Congregação, reafirmou algo que eu já vivia, mas foi proposto para toda a Igreja. E ver que a Igreja olhando seu mistério, sua raiz encontrava o judaísmo, isso me consolidou; mas continua sendo necessário, tanto no nível teológico, quanto sociológico: preconceitos e antissemitismo. O carisma, inicialmente propondo a conversão, mudança de religião, já havia sido atualizado, na década de 50, pelos estudos de alguns religiosos e leigos ligados à congregação.

Entrevistador: Na atualidade, o cristianismo é desafiado a apresentar uma reflexão teológica nova e criativa. De que maneira o carisma da Congregação pode ser aprofundado para compreendermos melhor o pluralismo religioso?

Pe. Ilário: Acompanho superficialmente a reflexão nova e criativa que se faz na Igreja e no cristianismo. O carisma propõe e cria espaços de aprofundamento bíblico a ser continuado, que influi no pensamento teológico: a exegese a serviço da Teologia. A congregação tem um espaço de trabalho pastoral divulgador de ideias e leituras da Bíblia dentro da tradição judaica; ao mesmo tempo tem espaços de estudo mais exigente, aqui e no exterior e vai adquirindo, dentro de um pluralismo religioso saudável, uma base sólida. Aliás o judaísmo nos mostra a liberdade de organização de quem assume a experiência de ser povo de Deus, veja-se os diversos grupos, que se criam em seu interior, de prática, de mística, ou de nenhuma prática religiosa, mas sentindo-se judeus. Sei que aqui estou misturando realidade e sonhos.

Entrevistador: Que conselhos o senhor daria aos jovens que se sentem vocacionados à vida religiosa em Sion?

Pe. Ilário: Conselhos: faço-os sempre em meu trabalho de formação: seriedade na formação em todos os campos, desde o físico, até o espiritual, passando pelo intelectual, pelo psicológico. Exigência e precisão de termos e de ideias. Seriedade num ambiente bastante medíocre, que se contenta com ideias gerais. Alegria e confiança: o otimismo é bíblico. Numa sociedade competitiva, a procura de uma vida fraterna, comum, de serviço gratuito.

Entrevistador: Na sua opinião, há pontos divergentes entre o judaísmo e o cristianismo que precisam ser superados?

Pe. Ilário: Pontos a serem superados: as dores históricas; os preconceitos. Tenho consciência de que só uma pequena “elite” assimila ou chega a conhecer o que a Igreja propõe, e o que a Congregação procura divulgar. Aliás, pode-se ir apresentando uma nova visão do povo, da Bíblia, sem partir para reviver o que se viveu, os machucados. Mas não se pode fazer abstração das consequências de uma visão unilateral, de substituição da aliança. Conhecimento mútuo; já se pediu perdão, muitas vezes, pelo passado. Agora assumir o ideal de paz, de justiça, a partir da visão bíblica, que é comum. Ponto teológico? Entender o que quer dizer a fé de Jesus para a fé em Jesus. Só o Espírito fará superar este ponto, mas pode-se ir caminhando juntamente.

Entrevistador: Em que medida a missão dos fundadores da Congregação se adapta a esses novos tempos da Igreja?

Pe. Ilário: Os fundadores viveram um período intensamente missionário na Igreja, e entenderam que sua missão, a partir de sua história e do milagre de 20 de janeiro, era ser missionário com seu povo. Eles entendiam que a distância de um povo ou de uma religião da outra não era tão grande: “não estou rompendo com o judaísmo, rezo para o mesmo Deus “, dizia Teodoro. Talvez, tenha rompido com a sinagoga, não sei se por sua vontade. Em seu batismo disse: vou dar um passo, não distante (implícito: passar do judaísmo para o cristianismo... Pe Maria convivia com os judeus em Jerusalém e desejava, certamente, sua conversão ao cristianismo... mas convivia. Entendo que de uma atitude polemica, proselitista, passa-se a uma convivência; mais do que aceitar, ver os valores comuns... Eles, os fundadores, numa outra época assim viveram.